

Os Pecados Capitais, os Mandamentos e a Humanização. Reflexões sobre Filosofia, Teologia, Ideologia e Ciência a Propósito do Objeto da Psicanálise: o Processo de Subjetivização

**The Capitals Sins, the Commandments and the Humanization. Reflections on Philosophy, Theology, Ideology and Science Concerning the Subject Matter of Psychoanalysis: the Process of Subjectivation**

Juliano Fontanari<sup>1</sup>

**Resumo:** O autor, a propósito do estatuto do discurso psicanalítico considerado como ideologia ou ciência, discute a inserção da teorização psicanalítica, a partir do conhecimento religioso - os pecados capitais e os mandamentos. Contrasta os discursos da filosofia, da teologia e da ciência no uso deste conhecimento como objeto do humano a ser educado para a constituição do sujeito *ethus-morus* ocidental. Observa que o objeto da psicanálise é o processo de subjetivação, que o ‘sujeito da religião’ está como pano de fundo para os demais sujeitos, que a tarefa psicanalítica científica é a descrição e o esclarecimento do modo como memória e história compõem-se em estrutura, sendo a ideologia sua principal contaminante.

**Palavras-chave:** memória; estrutura; *Alethea*; *veritas*; poder.

**Abstract:** The author, briefly, about the status of psychoanalytic discourse regarded as ideology or science, discusses the inclusion of psychoanalytic theory from religious knowledge, the Deadly Sins and the Commandments, contrasting the discourses of philosophy, theology and science use this knowledge as an object of the human being educated for the constitution of the subject *ethus morus*-Western. Notes that the subject matter of psychoanalysis: the process of subjectivation and that the ‘subject of religion’ is the background for the other subjects and that the psychoanalytic task is the scientific description and explanation of how memory and history consist in structure, with its main contaminant is ideology.

**Keywords:** memory. structure. *Alethea*. *veritas*. power.

*“Hecha la ley, hecha la trampa!”*

Devemos começar justificando um texto como esse. Qual seu objetivo, que lugar ocupa, que critérios, em linhas gerais, estão sendo usados em sua tessitura. Comumente, estes são discursos que não se tocam. A ideia de um texto que suponha um fio que faça a tecedura entre os quatro discursos – filosofia, teologia, ciência e psicanálise – já de si é demasiada. O objetivo é focar a necessidade do pensamento transdisciplinar ou, no mínimo, pluridisciplinar, com a transferência de métodos entre disciplinas, e notar que seus objetos distinguem-se pelas

---

<sup>1</sup> Médico, neurologista e psiquiatra, mestre em linguística aplicada – PUC-RS, psicanalista CEP-PA e docente do ICPT – POA. E-mail: [jfontanari@terra.com.br](mailto:jfontanari@terra.com.br)

formas simbólicas de apreensão de um mesmo objeto, variando das mais simples as mais complexas. O método é a comparação entre os vários momentos do pensar como visto na experiência humana, como faz o psicanalista. Quanto ao lugar que este texto ocupa não é mais do que o de um perfume, pois não pode nada com a força da fé, das crenças e das convicções que nos cercam de muros. Esse texto é superficial, incompleto e não tem preocupação com questões histórico-religiosas e com preciosismos conceituais. Está mais preocupado com a semelhança estrutural – é romântico – e menos com a diferença – não é clássico.

O leitor encontrará inúmeros autores que compõem a estrutura profunda deste texto e deve tomá-los como de citação tácita. Freud está em todo ele. Lacan, Bion e Foucault são evidentes e denunciam nossa crença de que o sujeito nasce com os mitos da família, mas segundo moldes originados do grupo. Inúmeros outros autores estão tacitamente assinalados e o leitor não terá dificuldade de reconhecê-los, como Bollas imediatamente adiante. Ainda, devemos apontar que este texto poderia ser escrito em um parágrafo. Trata-se de denunciar nossa ideologia que desconsidera a *presença de conhecimento não pensado* em qualquer ação ou estrutura viva. No caso, os pecados capitais e o Decálogo são *conhecimento* de nossa tradição judaico-cristã que, quando *pensados* pela psicanálise, passam a compor os pilares desta ciência. O demais é circunstância.

### **O Problema da Apreensão da Subjetividade: Objetos, Métodos e Objetivos**

Existem alavancas, na base do corpo de conhecimento destas disciplinas, capazes de movê-las. Não se pode discutir (1) a existência (ou essência) dos objetos destas disciplinas: o pensar e seu método aplicado a seus vários objetos (filosofia), a fé e seus rituais (religião), as teorias e técnicas de sedução e encantamento (ideologia) e a modelização com o uso da razão para a falseabilidade de hipóteses (ciência) A outra alavanca (2) é a razão, que não se deve confundir com ‘dar sentido’, que inclui motivação e história, como é típico do humano e muito saliente na religião (objeto da Teologia), e ideologia (objeto de algo que poderíamos chamar Ideologia). Estes objetos movem-se com a alavanca da motivação e do sentido ou, então, com a da razão. A razão opera sempre em sua busca incansável por planos de clivagem para permitir generalizações e previsões, buscando a matematização. A motivação e o sentido, salientes na arte, na música, na literatura e na história são de difícil captura pela razão, pois evanescentes e imprecisos como o rio de Heráclito. É isso que tem gerado essa tensão entre áreas do conhecimento ditas científicas e áreas ditas ideológicas.

Na prática clínica psicanalítica, operam-se esses dois procedimentos: a experiência viva da clínica (ideologia e religião) - com o jogo de movimentos, emoções - e o movimento reflexivo que se exige fixado à palavra ativadora de conceitos e à memória (filosofia e ciência) para, mais tarde, reestruturar ou acomodar o sujeito e sua noção de realidade interna e externa: o conteúdo (movimento) se informa (forma) em estrutura. Essa tração entre o pensar com o instrumento da razão – ciência – e o fazer com o ritmo da intuição, da memória e das paixões é o que pretendemos salientar, fixando suas origens na tentativa da religião em descrever e educar nossa alma.

O processo de subjetivação, subjetivização, é o interesse da psicanálise. Este é o objeto que ela olha e de onde brotam seus sistemas teóricos: como nos tornamos sujeitos, sujeitados ou não, como somos fabricados. Vários autores tecem suas hipóteses para responder a este ‘como’, o qual determina as inúmeras técnicas de manipulação, buscando a ressubjetivação (modificação, expansão da mente), com maior ou menor interesse pelos sintomas no caso dos egodistônicos ou desadaptação social provocando sofrimento de terceiros nos egossintônicos. Alguns sistemas teóricos alavancam na biologia e centram em energias daí advindas que operam e agitam esquemas simbólicos de ações e apreensão do mundo. Outros pinçam modelos morais: o bom, o mau, danifiquei, fui danificado, beatifiquei, demonizei; fui admirado, admirei, humilhei, envergonhei, exhibi, reconheci. Ainda, compreendem o homem a partir da curiosidade e da frustração advinda do fracasso em conhecer. Ou a submissão a processos sociais, grupais, conscientes ou inconscientes, mais ou menos intensos, presos à palavra. Todos os sistemas, de um ou outro modo, centram-se no longo período de fetalização humanos – pelo menos até a puberdade – quando as memórias da experiência vivida transformam-se na estrutura do aparelho psíquico. Alguns recuam até os primeiros meses de vida, todos consideram, em algum nível, a constituição, a base genética e também o valor do trauma – algo que invade o aparelho psíquico que não tem como processá-lo – independente da idade. Cada qual com seus argumentos, extraídos de sua clínica pessoal, do laboratório de sua clínica pessoal. Todos sempre brandindo com a palavra e sua fluidez, que ganha vida própria e se desborda.

A psicanálise introduziu o conceito de inconsciente, substantivo ou adjetivo, provocando um giro significativo nos sistemas de pensamento. Então, a consciência ética do homem, o poder da razão perdem a soberania para esta nova instância, com consequências

para os caros princípios do sujeito de deveres e de direitos de Justiniano, pois a consciência e a vontade, agora, não são mais livres; estão acorrentadas a esta escuridão. O sujeito de direitos e deveres partia da distinção entre senhores e escravos e distinguia os primeiros dos segundos. Só que agora todos somos escravos. Escravos das forças biológicas ou da história vivida ou de ambas, mas escravos. Do *penso logo sou* cartesiano, estamos no *sou meus impulsos inconscientes*. Nossos valores morais e éticos surgem como normas para conter nossos terríveis impulsos inconscientes. Daí os pecados capitais que emergem das profundezas em inúmeras derivações. Dissimulados, escondidos, aparecem bem na ponta de nosso nariz e nos surpreendem e pouco pode a razão com eles. Somos vividos por esta instância, memória que se informa em estrutura, efeitos de uma história que abarca várias gerações além de nossa experiência vivida. Trata-se de um golpe violento no livre arbítrio e em nossa pretensa autonomia. Sujeito sujeitado à estrutura. Agora estamos conscientes de que *penso onde não sou e de que sou onde não penso*.

### **Conceitos: Ideologia, Teologia, Filosofia, Psicanálise e Ciência**

A distinção entre Ideologia e ideologia e Teologia e religião está apenas no sistema de crenças; na experiência viva de crença das segundas e no cisalhamento pela lâmina da razão nas primeiras, maiúsculas. Ou, então, pela complexidade simbólica envolvida nos processos. Como teorizar a contemplação (*com templo*)? A alavanca (a razão) embora pretenda ser a mesma, ela se aplica a objetos diferentes e com diferentes planos de clivagens, respondendo de modo diferente e parcial aos movimentos da razão e não na plenitude, na totalidade do objeto. Ainda, quando tratamos da história, a razão perde em importância ao sentido, sentido dado pelas motivações humanas, daí a noção de que a história e o humano melhor se moveriam com a alavanca da mitologia, de vigência plena na religião e na ideologia. Muda a alavanca, temos de abandonar a *alethea* quando nos deparamos com a memória (motivação e história), embora ela persista derrogada em quaisquer abordagens do humano. Ou é o sentido – mítico – ou é a razão ou são ambos, mas, na imensa maioria das vezes, mais o sentido.

Tentar definir os objetos a que se aplicam estes quatro discursos – com discursos já denunciarmos que estamos às voltas com a verdade chamada *veritas* latina, presa à palavra, traída pela memória e pela fluidez do sentido e dos campos semânticos e pragmáticos - é tarefa ainda em execução. *Alethea*, a verdade grega, prende o conceito em sua multiplicidade de aportes à coisa mesma e dá a noção de verdade concreta para um conceito. É tradicional

dizer-se que a psicanálise arrodeia no entorno de si: seu objeto é o que ela mesma descobriu (ou criou?), define e estuda: o inconsciente. A saída é fugir para o pragmatismo: psicanálise é tudo o que um psicanalista faz enquanto psicanalista, transferindo o ônus do problema para a pessoa do psicanalista e para a instituição que o formou (ou onde ele se formou).

Um modo mais *aletheano* de dizer isso seria: ela se ocupa das motivações e da história do humano. É redundante adicionar: como aparecem dentro de um sistema vincular, dentro de laços de pessoas, pois fora disso não há memória e não há história e, claro, não há discurso algum. Então, a psicanálise olha como o sujeito se subjetivou, construindo esse processo pela reativação de como a estrutura se decompõe em memórias dentro do sistema vincular. Ocupa-se do processo de subjetivação. É como colocar um objeto dentro da água: ele imporá a forma e deslocará a água de acordo com suas características. O sujeito dentro do vínculo denuncia seu processo de subjetivação necessariamente pela pressão operada no sujeito observador. Evidente que divide com várias outras disciplinas este objeto. Mas a Psicanálise é a única que pretende usar o bisturi da emoção para uma dissecação orientada pela razão.

A importância de estudar isso e as consequências são tão indiscutíveis como de dificuldades quase impossíveis, pois se trata de um objeto que se move, fluido, que fulgura em termos como emoções, afeto – as raízes das palavras remetem a movimento - ou ao indescritível líquido: humor. Cristaliza-se por instantes em palavras que nos remetem ao visual, daí fulguração: a chama já representou a alma bem como a fluidez das fontes. Outro problema no estudo desse objeto é que ele só aparece em presença; ele desaparece na ausência. Retirado o objeto de dentro da água não fica sinal algum dele. O discurso, tomado em presença, gera outro objeto, como se dá com o sentido – o núcleo duro do significado – que é gerado pelo contexto. O analisando do dia seguinte pode ter o mesmo nome, mas será outro.

### **A Psicanálise, o Sujeito e a Mentira**

Por estas dificuldades, vem de longa data o questionamento da inserção da psicanálise entre as várias disciplinas ditas científicas, bem como de seu estatuto como ciência e do próprio estatuto e fontes do discurso psicanalítico nas áreas humanas. Seria ciência ou ideologia? O tema do que é psicanálise deve ser definido pelo método de estudo – associação

livre e seu contraponto da atenção flutuante - ou pelo objeto de estudo - inconsciente? O ‘inconsciente’ existe sem o método psicanalítico?

Dá-se o fato, no caso de a resposta ser negativa, o que, como vimos, é o provável, de que o observado não existe sem o observador, o que leva ao problema do valor de verdade de questionamentos que dependem do valor de verdade de suas pressuposições. Um bom modelo desse problema é a pergunta do Pinóquio: qual o valor de verdade da expressão dita pelo Pinóquio<sup>2</sup> *‘meu nariz vai espichar!’*?

Se espichar, o nariz espichou e Pinóquio não mentiu, o que não pode, pois o nariz do Pinóquio só espicha se ele mentir. Se não espichar, Pinóquio mentiu e o nariz não espichou o que também não pode ser, pois se o Pinóquio mentir o nariz tem de espichar: essa é a pressuposição de que depende o valor de verdade da asserção. É o problema de uma falsidade (mentira) contida na pressuposição. Logo o valor de verdade da asserção cuja base é uma pressuposição negada não pode ser previsto. Então, sempre que se afirma uma negação, desaparece a lógica e quem aparece é um sujeito, o sujeito nasce da contradição! Toda mentira necessita de um sujeito para enunciá-la. Não há sujeito sem o ‘não’. É o não contra a afirmação, contra o real, contra a pulsão, que nos torna sujeitos; é o arriscar-se que nos torna senhores e não escravos. Ou seja, como é evidente, se o observado não existe sem o observador, o objeto variará segundo o observador, segundo suas pressuposições. O objeto da psicanálise, como se vê com clareza na mentira, para a qual é indispensável uma intenção, um sujeito, necessita, repetimos, de um sujeito, necessita das histórias pessoais envolvidas e de como elas foram registradas a partir de suas motivações (e pulsões). Como pois fixar, delimitar o observado, para produzir consenso – senso comum da comunidade científica – se ele é intenção e sentido como o rio de Heráclito? O objeto não é dócil a este manuseio, a alavanca da razão emperra. Acreditamos que é daí que nascem as miríades de hipóteses sobre o humano e suas relevâncias. A ideologia fabrica histórias, como vemos todos os dias com as propagandas, pois se dirige, como a mentira, ao discurso do sujeito e, inclusive, fabrica a

---

<sup>2</sup> Essa questão me foi proposta por meu filho adolescente Thomas Vaites Fontanari que também propôs outra, mais maliciosa, também baseada no valor de verdade de uma asserção fundada numa pressuposição negada: ele é um barbeiro que corta o cabelo das pessoas que *não* cortam seu cabelo, qual o valor de verdade da sentença: ele corta seu cabelo. Se ele cortar então ele está no grupo das pessoas que cortam seu cabelo, mas ele corta o cabelo das pessoas que não cortam seu cabelo, logo não pode cortar o seu. Se ele não cortar, ele está no grupo das pessoas que não cortam seu cabelo, então ele teria de cortar! É o ‘não’ do qual emerge a intenção, o sujeito nascendo onde morre a lógica! (Não é difícil perceber o orgulho de um pai reparando no filho as voltas com a elaboração de angústias de castração).

História. Já estamos de novo longe da *alethea*.

E o objeto da filosofia? Quiçá ela não tenha objeto? E dizer que ela aparece sempre que refletimos sobre algo, sempre que usamos a razão para pensar algo? Reflexo significa que fletiu a luz e depois fletiu a flexão. É um virtual sobre o virtual. É o tema do negativo, agora na visualidade. Aliás, é o único meio de vermos objetos invisíveis. Remete a espelho e torna tudo perigoso, pois pode capturar o sujeito em uma imagem apenas, a de si mesmo, mas como nos veríamos não fossem os espelhos. É, porém, curioso, pois estamos afirmando que podemos pensar sem usar a razão. De fato, usamos sentido, motivação e memória. É o que se diz quando se diz, tomando pensamento como sinônimo de razão, que a razão esta submetida à emoção. Devemos reservar o termo pensamento para a fulguração que se dá longe da emoção – se é que isso é possível. Talvez essa contaminação do pensamento na criação de sistemas filosóficos explique o momento histórico gerador do nascimento da filosofia de Nietzsche e seu super-homem, que se atolou no nazismo. Paradoxalmente, talvez também explique o momento do nascimento da tão criticada por ele ‘filosofia cristã’, a religião dos fracos: o momento em que os judeus combatiam com a fé – movimentos, emoção, afeto - o poderio das armas romanas. Com mais clareza vemos a estrutura de filosofias e teorias psicanalíticas como bastante ligadas à ‘emoção’ dominante do momento histórico em que foram criadas, sugerindo um rastro ideológico na nossa fabricação de sujeitos. Como vemos, há um *pas-de-deux* entre razão e sentido na dança do sujeito e sua constituição, assim como objetos e métodos comuns entre estas disciplinas, comuns ao movimento da religião, da fé, da psicanálise e da ciência. Esse ‘não’ às pulsões imposto pelos mandamentos e pelos pecados capitais impõe o nascimento do sujeito como somos.

Ideologia é o conjunto de ideias, opiniões de uma dada sociedade expressas na voz do ‘sujeito moral’ – em sentido estrito, sujeito que cumpre regras em oposição ao ‘sujeito ético’, que tem as regras internalizadas dentro de si e que fazem sentido para sua experiência de estar vivo – em um discurso de regras egossintônicas que cria o sentimento de pertença do sujeito com determinado segmento do grupo ou com o grupo todo. O discurso ético depende de como o sujeito se vê, o moral é para o olhar do outro, de como o outro ou o grupo ou parte dele o vê. O ‘sujeito ético’ está noutro lugar, mas o ‘sujeito moral’ está agindo de molde a não perder a pertença ao grupo. Ideologia é um termo que pode se referir ao estudo das ideias conforme os radicais *ideia* e *logos*. Quando, em um jogo de contrastes, há sentido desqualificatório, a partir do argumento da noção de realidade e de seu acesso, apontando que o critério de

realidade de um conjunto de convicções é fraco, pobre, insuficiente, inculto ou iletrado, diz-se: *'isso é ideologia!*'. Mesmo entre embates notáveis, aparece a acusação de ideologia. Piaget, no debate com Chomsky, bradou sobre a concepção gerativo-transformacional: *'isso é um platonismo!*'. O interesse relacionado ao desamparo, por ficarmos fora de um grupo, é que opera a relação de dominação, que nos obriga a determinadas inserções manifestas em nossa conduta, sentido e meta de vida e em nossos desejos, enfim, em nossa 'moralidade', no sentido estrito. A propaganda é a arte de articular estas inserções, atualmente vulgarizada, mas operada inicialmente pelo nazismo e sua ação sobre as massas. Os valores éticos são a garantia de nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente – por normas externas - que o que quer que seja nos transforme em coisa usada e manipulada pelos outros. Violência é tudo o que nos reduz à condição de objetos, coisas. A ideologia é o estudo da arte de manipular. A ética realiza-se normativamente pela moral e pelas leis, exatamente para impor limites e controle à violência.

Filosofia é o estudo de nossos problemas fundamentais: conhecimento, existência, valores morais e estéticos, a verdade e a falsidade, a mente, a linguagem, a religião e a ciência. Pode-se, a partir de um enfoque adjetivo, aplicar a *filosofia* palavra sempre que refletirmos sobre alguns conceitos ou disciplinas: filosofia da história, da matemática, da física, etc. Ao abordar esses problemas, a filosofia separa-se da mitologia e da religião, bem como das explicações de senso comum, por sua ênfase no uso da razão e da lógica que daí emana: princípio da identidade, não contradição, terceiro excluído, causalidade. A filosofia não faz pesquisas empíricas, é possível, porém, a existência de uma filosofia da pesquisa.

Teologia é o estudo sobre deuses, conforme suas manifestações sociais: as religiões. Religião é crença, não é saber. O saber racional a respeito dessa crença é que se chama Teologia. Nem todos os povos distinguem entre o 'sujeito ético-moral', o 'sujeito do direito' e o 'sujeito da religião'. A ideia de que isto depende da construção e do momento histórico cultural dos povos só é adequada se desconsiderarmos o desenvolvimento científico, esvaziando-a, como nos indica o estado israelita, para citar apenas um. Este é o fulcro que justifica nosso breve estudo: o 'sujeito da religião' está como pano de fundo para os demais sujeitos. É só cavarmos um pouco mais e encontramos o sujeito '*ethos-morus*' e o 'sujeito de direitos e deveres' de Justiniano, fundados no 'sujeito da religião'. Isto é, se quisermos compreender-nos como sujeitos, temos de assumir que nossa 'lógica' é mítica. Mais fácil torna-se, então, a partir das normas educativas empíricas da religião, aplicadas ao Homem

para constituir o ‘sujeito *morus-ethos*’, encontrar os esboços das tentativas de compreensão, explicação do humano nas teorias que ora chamamos psicanálise. É suficiente estudarmos as normas do sujeito da religião para encontrarmos o punhado de motivações humanas que necessitam de controle para constituir o social, que molda esse mesmo sujeito. Importa assinalar o central do processo identificatório deste regramento na constituição do ‘sujeito’, como é visível no contraste entre os sujeitos de diferentes culturas e no sofrimento imposto aos migrantes pela perda da pertença, bem como na impossibilidade de alguém, constituído como sujeito religioso, professar duas religiões sem que tenha ocorrido modificação duradoura de sua personalidade. A religião ocupa-se de uma crença específica: a crença em algo sagrado. Existem outras crenças que variam de intensidade, desde ideias hipervaloradas até delírios com vários conteúdos, de artísticos a científicos. A religião, no entanto, tem como objeto uma ideia (hipervalorada) específica: o sagrado. A palavra sagrado remete à sensação de uma força além da natureza que habita seres animados ou inanimados, permitindo extensas hierarquizações no que, por exemplo, chamamos mitologia. A experiência mística de encantamento, de contemplação (*com templação*) com o mundo e com as pessoas é uma variante mais leve desta experiência do sagrado. O instrumento que permite o acesso a este mundo encantado é a empatia, habilmente intuído por Kohut, a qual pode ser antipática ou simpática, dependendo da não adesão ou adesão aos valores percebidos.

Ciência - ‘o modo grego de ver o mundo’ - era definida, até Popper, como um método em que se observava o objeto de estudo, definido como tal com antecedência, – indução – e daí se extraíam dados que permitiam generalizações e previsões sobre sua operação, funcionalidade – dedução. É o método empírico. Popper, um autor recente que, frequentemente, não é bem entendido, propôs novo critério para o que seja ciência, o qual é o atualmente aceito. Ele propôs seu critério baseado na falseabilidade, refutabilidade e não na indução. Uma ideia, uma teoria, para ser científica, tem de ser sujeita a falseamento, a teste. Qualquer ideia que não possa ser testada não pode ser considerada científica. Uma teoria científica ‘*é uma conjectura na espera de sua refutação*’. Sem teste não tem refutação possível. A tarefa do cientista passa a ser a construção de modelos experimentais – que podem ser teóricos - que permitam a testabilidade dos pontos de vistas e dos problemas teóricos da ciência em questão. A hipótese pode vir do lugar que vier, pode vir de um relâmpago na mente, não depende em nada da observação. De qualquer modo, do ponto de vista das questões que nos preocupam na nossa condição de ‘sujeitos-homem’, sempre que existirem áreas comuns com problemas comuns e com pontos de vistas diferentes – paradigmas - a

respeito do tema, temos uma ciência. É muito possível que não consigamos construir modelos testáveis sobre estes problemas como se dá com a História ou com a evolução natural, ou com os problemas que a Psicanálise levanta, mas são momentos pré-científicos da área de conhecimento e espera-se conseguir a modelização disso. Devemos ter como horizonte de nossa tarefa, a modelização e a testagem de todas as nossas conjecturas. Lembremos de que o horizonte é algo que não alcançamos; quanto mais nos aproximamos dele, mais ele se afasta.

Facilmente associamos a sacralidade da religião com a ciência, adjetivando-a de modo especial: a ideologia transforma a ciência em um arremedo, quando acreditamos que a evolução dos conhecimentos explicará totalmente a realidade, separando as sociedades e as pessoas por seu potencial tecnológico. Se dermos uma pitada de magia à ciência, teremos, em nosso caso da saúde mental, os que acreditam que as pessoas são essencialmente fabricadas, donas de delírios ideológicos e os que acreditam que são produtos de genes, donas de delírios farmacológicos: trata-se de uma ciência mítica. O esforço na construção e nos experimentos é secundário, o objetivo é a grandiosidade do controle do humano e da natureza. Em geral, há um delírio de controle na base destes sistemas de pensamento. Valeria a pena discutirmos, mas alongaria muito o trabalho, nossos valores ocidentais e a valorização tecnológica; a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre as sociedades sábias e as não sábias. Como se vê, a contaminação da ciência pela ideologia e pela magia – em geral com o propósito de manipular – mostra bem como é frágil o precioso conceito da neutralidade na ciência, calcado na clara separação do sujeito da ciência de seu objeto, em compartimentos estanques e bem definidos, protegidos das paixões e do mundo da práxis humana.

### **Conclusão Possível dessas Observações**

1. No momento, não conseguimos modelizar para testar, refutar nossas teorias psicanalíticas. A tentativa de modelização resulta em tautologias. 2. A psicanálise não dispensa para seu objeto ‘sujeitos’. Ela se envolve com memória, história e intenção, motivação, isto é, sua verdade é *veritas*, não é *alethea*. 3. Seu objeto é particular, não é geral. A generalização é necessária e consequência do exercício científico. 4. A psicanálise traz, em seu bojo, os mesmos problemas que a história em seu esforço de debridamento da ideologia. 5. Ela, como a História, pode deslindar, denunciar a ideologia. 6. Como ela se ocupa do ‘sujeito *morus-ethos*’, fundado no ‘sujeito da religião’, interessa buscar, neste sujeito, os pilares que constituem nossas hipóteses psicanalíticas. 6. O indescritível vazio do terror e o

poder vivido na religião, imerso nas palavras, compõem, de modo parmenídico, a estrutura da teoria psicanalítica em seus fundamentos: memória cristaliza-se em estrutura. 7. A hipótese é que estas disciplinas, no que tange ao estudo da história individual, da experiência humana de estar vivo (filosofia, teologia, ideologia e ciência), diferenciam-se pelos métodos de abordagem e pelo uso de um objeto que ora aparece mais, ora menos heraclitiano. 8. A Teologia e a Ideologia ocupam-se de um objeto quase preso à representação muscular, ao movimento: a crença, a fé. 9. A filosofia e a ciência, pelo uso da razão, só dizem de objetos no passado e demandam a presença parmenídica. 10. A abordagem da religião, objeto da disciplina científica Teologia, indica-nos exatamente os planos de clivagem abordados pela Psicanálise com seu instrumento da razão.

### **O Objeto Comum a Todas essas Disciplinas: o Método Transdisciplinar**

Nossas pulsões, tomadas e discriminadas como objetos, são motivo de abordagens e usos da ideologia, da religião, da ciência, cada qual com sua alavanca, seu método. A ideia dos pecados capitais (e dos mandamentos) e seus derivativos secundários – parece que 7 os primeiros e próximo de 50 os demais – têm como objetivo oferecer um modelo, uma descrição de nossa alma e da necessidade de *morus*, regras normativas, que nos constroem como sujeito com o adjetivo moral, como sujeito moral. São faróis na noite da história humana. Tal a força dessas luzes que só conseguimos vê-las com um fecho de escuridão. O objeto de estudo – pulsões, motivações - não muda, mudam o método e o objetivo da descrição de tal objeto.

Os vícios humanos que precisam de alguma coerção e redirecionamento – bem como se dá na teoria das pulsões – são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, acídia (preguiça). O vício relaciona-se à compulsão, pulsão, e é tido como tal pela tensão entre o narcisismo e o socialismo, pelos problemas que pode trazer para à ordem do social, tanto que, limitadamente, em pessoas especiais e em épocas especiais, são aceitáveis e condição para o cargo! Vício é natureza enquanto coerção, redirecionamento é cultura. É o ‘não’. Não que ignoremos a impossibilidade de qualquer teoria cultural sem um último apelo ao leito rochoso da biologia, isto é, mesmo para o social - pois temos de nos perguntar de onde vem a energia para compor o social e seu poder de regramento. É necessário um fundamento biológico para o social que, no mínimo, está no longo período de fetalização do humano, que o obriga à impregnação pela cultura, tornando-o ‘naturalmente cultural’.

A ideologia e a propaganda têm, atualmente, o objetivo claro de usar o humano como sujeito de consumo, sujeitado ao consumo, sujeito-consumo. Lembremos que qualquer tentativa de transformar o humano em um objeto é antiética. Alguém, em sã consciência, autorizaria a propaganda de cerveja, como já se autorizou a do fumo? Os *designs* (moda, produto) vários, como ciências da sedução e do convencimento, desenvolveram-se a partir das experiências de subjetivação de massas. Um critério fundamental para distinguir ciência de ideologia é o potencial de generalização de uma afirmação, hipótese, sempre calcados em critérios racionais. Racional refere-se a 4 princípios - identidade, não contradição, terceiro excluído, razão suficiente (causalidade) - e o critério ético-moral da ciência é estar a serviço do Homem. A propaganda, como a anedota, a piada, a mentira, é limitada a grupos e seus sistemas operativos não podem ser generalizados. Exige o conhecimento e o uso da ideologia de modo científico; ciência duvidosa, pois nem sempre a serviço do humano. Se uma hipótese só pode ser lida por uma fração de uma comunidade, ou é dirigida a uma pequena fração, é ideologia, não é ciência. Cada grupamento social procura explicar seu *status* e opera socialmente, a partir destas explicações que, eventualmente, transformam-se na história da sociedade. As diferentes narrativas expõem, pelo contraste, o que é a ideologia do grupo, em um jogo de contrastes entre narrativas, entre quem manda e quem obedece. Aqui, o mito do grupo e de cada um, como um guarda-chuva, agrupa. A ideologia é resultado da imposição, propositada frequentemente, da cultura dos dominantes à sociedade inteira e a outros grupamentos sociais, como se todas as classes e todos os grupos sociais pudessem e devessem ter, embora com recursos pessoais diversos, as mesmas convicções comuns do grande grupo a que chamamos cultura. Um exemplo disso é nosso momento de mobilização pela posse do telefone celular que deve ser substituído rapidamente e que unifica a todos, do servo ao senhor.

### **O Problema do Poder, a Teoria Psicanalítica e os Mandamentos**

Temos de nos imiscuir em um assunto mais complicado: o poder, fundamento da ordem social, o início de tudo de que se ocupam os primeiros mandamentos: amarás a Deus sobre todas as coisas; não usarás o nome de Deus em vão; deves homenagear e honrar a Deus: guardar domingos e festas de guarda (sabbath, sábado, que no original, significa ‘descanso’). O dia de descanso do cristão é o domingo, substituindo o sabbath dos hebreus. Deves transferir estas honras que tens por mim a teus superiores: honrarás pai e mãe - e aos outros

legítimos superiores. Trata-se de um ordenamento hierárquico fundado no poder, retirado dos vínculos familiares com base biológica – complexo de Édipo, complexo fraterno - e expandido à abstração de Deus. Esse é o fundamento de tudo do social. Ou qualquer ordem veste-se do que chamamos ordenamento do Édipo – repressão –, ou ela não se cumprirá. Toda a teorização psicanalítica gira em torno das vicissitudes do cumprimento ou não destes mandamentos e dos mecanismos de tergiversação – desmentida e desestimação, punição e formação de ideais (missão) – para contornar estas ordens no entorno do qual se constrói o sujeito. O sujeito não é um buraco, ele nasce desses ‘nãos’. As origens da pulsão de domínio seguramente remontam a nossa condição mamífera. Os cães e gatos têm muito a nos ensinar a respeito. Olhem os lobos! O ‘ordenamento social’ realiza-se no que individualmente nominamos superego e, grupalmente, ‘poder’. Se não há um equivalente de poder dentro da mente, interno, as regras externas não são cumpridas, o poder externo não é obedecido.

A soberba, tida como um superpecado ou suprapecado por Aquinas, conhecida mais comumente como um derivado seu, a vaidade, arrogância, húbriis, brios, orgulho, está intimamente ligada ao poder e implica ocupar um lugar com o *self* que pertenceria apenas a Deus. Arrogar-se é ocupar um lugar que não lhe pertence. A essência do processo psicanalítico - que vale para o analista e para o analisando - é que Luiz XV cometeria um erro fatal se confundisse sua pessoa com o lugar que ocupava, *se achasse que era Luiz XV!* Mas lembremos que a *‘modéstia é a vaidade escondida atrás da porta’* e que pecamos por falta e por excesso. Muito circula na expressão de habitar seu espaço psíquico e conhecer seus limites. O processo psicanalítico se dá nessa imprecisão que vai do vazios de ‘nãos’ da alma à húbriis.

O tema do investimento libidinal do *self*, a energização da fotografia, da representação que temos de nós mesmos – que chamamos narcisismo – bem como das variações do colorido desta imagem é o cerne da obra de Kohut, que descreve os transtornos narcísicos de personalidade e as duas transferências narcísicas com seus derivados (idealizador e especular). A ideia de que a emergência destas psicopatologias é recente, como se dá com os *‘borderlines’* e assemelhados, e que resulta da mediação da subjetivação pela cultura moderna e contemporânea, esta necessidade de reconhecimento e admiração – avidez ao elogio – que pode incluir objetos de várias categorias, desde o estético, passando pelo moral, até o próprio conhecimento, é imprecisa. Anos depois do ano mil depois de Cristo, já se enunciava que um problema grave dos romanos era a soberba e a necessidade de reconhecimento, elogio. A

soberba, como um superpecado, adjetiva qualquer substantivo aplicável ao humano, daí se tratar de um superpecado, diferentemente da luxúria, por exemplo, limitada aos prazeres sexuais.

### **A Captura da Agressividade: o Controle da Pulsão de Domínio e Controle da Maldade**

O quinto mandamento é fundamental para a regulação social: não matarás. O controle de nossa agressividade, atualmente, depois de milênios de burilamento da cultura ocidental, está em mãos do estado de direito, que se define a partir do cidadão sujeito de direitos e deveres e de que o estado deve agir exatamente conforme suas leis. Não matarás contém em si o objeto da teoria kleiniana e a oscilação esquizo-paranóide: danifiquei, fui danificado e o superego primitivo funciona no ‘olho por olho, dente por dente’. Operada a repressão sobre a agressividade – o provável texto perdido de Freud - aparece o ‘dar a outra face’ e a consciência de que só se ‘mitiga o ódio com o amor’, outro pilar da psicanálise e sua precisão técnica; trabalhar sempre com Eros. O sexto e o nono mandamentos ocupam-se de controlar os atos, os pensamentos e os desejos. Ambos usam a palavra ‘castidade’, que no latim significa puro e honesto, diferente do uso que temos, habitualmente centrado na sexualidade. O sétimo, o oitavo e o décimo mandamentos são organizados para controlar a inveja: não roubes; não levantes falso testemunho; não cobices as coisas do outro. Relembremos que Klein abandonou, em sua obra, a noção biológica de agressividade, sadismo e optou pela inveja como um complexo motivador humano primário que seria o representante psíquico da pulsão de morte. Associadas à ira estão a inveja, magistralmente contemplada na obra de Klein, e a avareza, que motivou a descrição por Freud da neurose obsessiva e delimitou a fase anal secundária. O invejoso é incapaz de dar e é avaro por excelência e dá para fazer dívidas no outro. Mais haveria a ser discutido, mas seria demasia. A violência esta à flor da pele em toda nossa sociedade, escondida em praticamente tudo em nossa cultura: saia-se à rua e veja-se o desamparo de crianças, adultos com inteligência pobre, animais e o grave preconceito interespecie, contrastando com a opulência na esquina seguinte. É inegável que parte de nós humanos somos tomados como coisas. A exploração do trabalho, a mentira das drogas lícitas e ilícitas, o encantamento com o belo, a arte do engano. Entre nós, há um pesado contraste entre um *ethus* em nosso espaço institucional, que lembra a ‘lei de Gerson’, e um *morus* público de legalidade e justiça como se vê nos telejornais, que é o que vende.

### **A Captura do Corpo e da Alma: o Trabalho e o Nascimento da Vadiagem (Acídia)**

A acídia, traduzida, algo impropriamente, no medievo, como preguiça, tem contornos reflexivos extensos. Provavelmente é o problema do homem trágico de Kohut (em oposição ao homem culpado). Diz de algo como o vazio da alma, referido por Lauand (2010) como ‘[...] *dissipação do espírito. Manifesta-se na tagarelice, na apetência indomável de sair da torre do espírito e derramar-se no variado, em uma irrequietação interior, na inconstância da decisão e na volubilidade do caráter e, portanto, na insatisfação insaciável da curiositas.*’ Os biólogos da mente a apontam como decorrente de um afeto (humor) instável, oscilante, que produz estas alterações da conação e da denotação e relacionam à atual bipolaridade, à busca da experiência de estar vivo, a solidão da vida e da morte. Sua filha é o desespero.

No Decálogo, quando subdividido, aparece o ordenamento: seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Daí a fixação da angústia que temos e nos empurra a ser úteis, de produzir e a conseqüente proibição da depressão, de que há limites fixados para cada momento de nossa cronologia vital para que demandemos cuidados de terceiros; nós mesmos temos de prover a nós e pelo menos aos nossos. A acídia manifesta-se assim no sentimento de vazio intenso da alma, na falta de encanto pela vida (anedonia) e na pobreza de ideais (abulia). A seleção destes pecados e destes mandamentos teve como função o ordenamento social com as características que hoje conhecemos como judaico-cristã. A observação de que, em outros tempos, outros eram os ‘mandamentos’ e outros eram os ‘pecados’ – infrações - bem indica nossa tendência ao ‘ordenamento social’ que se contrapõe a peculiaridades individuais pulsionais, selecionado-as, qualificando-as, quantificando-as, bem como determinando em quais situações podem operar e em quais situações não podem. Já a questão posta em *parirás com dor e para ganhar o teu pão arrancarás do teu suor, trabalharás* criou um problema grave que foi parcialmente corrigido por Lutero, pai do capitalismo: *acumularás riqueza, mas gastarás comedido* em oposição *ao é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus*. O problema é que isso institucionalizou a vadiagem e os gastos são imensos para controlar as demandas perversas dos caracteropatas orais junto das previdências sociais dos países católicos, mas essa vereda prolongaria demais o texto. Atualmente o que seria considerado pecado é a vadiagem.

### **A Captura da Sexualidade: o Casamento e o Nascimento do Adultério**

A instituição social – ordenamento social – do casamento, através do fundamento

básico da interdição do incesto, determina um conjunto de sub-regras, todas com o fito de regular a sexualidade, a pulsão sexual: não cobiçarás a mulher do próximo. É necessário reafirmar que nossa tendência ao ‘ordenamento social’ realiza-se no que individualmente nominamos superego e, grupalmente, ‘poder’. Se não há um equivalente de poder dentro da mente o poder externo não é obedecido. É o que se dá com o que chamamos antissociais. Como o superego pune, mas protege; proíbe, mas permite dentro da regra, é fácil também notar a operação do oposto da obsessão – em que o superego conhece a pulsão e a impede - permitindo variantes ditas perversas pelos clássicos, que oscilam da prostituição propriamente dita ao proxenetismo – aproximando-se de critérios de casamento aceitáveis em que é evidente o ganho de poder das partes em troca da realização da pulsão, dependendo da estrutura de cada superego. Encontramos instituições sociais de casamento para cada padrão de superego e devemos tomar cuidado com nosso hábito de escolher um padrão ouro para contraste. O arremedo do feminino e do masculino, no travestismo, indica bem o que é possível na escala das tarefas de desempenho na vida – ideal de ego – e do que o superego, como fiel desta escala, permite e proíbe. Nesta mesma linhagem, vai a afirmação de que o ‘humor é o que o superego permite’: tente achar uma piada que não tenha um componente sádico!

Nesta perspectiva, ‘narcisismo’, ou o que quer que seja na motivação do humano, só pode ser considerado como tal se tiver base pulsional, a qual está indicada pelos pecados que assinalam a presença da pulsão, assim como a fumaça indica que há fogo. Mesmo o narcisismo da pudica, da carola com seu jogo de imagens públicas, que lhe fornece provimentos narcísicos, ganha sentido pelo fogo da pulsão. A luxúria afronta a ambas, à carola e à pudica, mas há um amplo espectro de aceitabilidade do que há pouco tempo seria considerado como pecado, desde jogos de amor ao encanto do exibicionismo. A normatização refere-se ao *ethos* grego. Ela é interna – superegoica e diz do que a nós é possível: guardes castidade nos pensamentos e nos desejos e guardes castidade no que falas e no que fazes. Assim como o que vimos com o ‘não cobiçarás a mulher do próximo’ e com a ‘luxúria’ – que é de difícil definição –, algo similar ocorre com os demais pecados e mandamentos.

Outro enfrentamento direto da pulsão ocorre com o pecado da gula, em que o ego arremete contra si mesmo, pois a fome é uma pulsão do ego que ganha mais força ainda se adicionada à luxúria. Isto problematiza a teoria, pois não se pode reprimir uma pulsão do ego.

## Conclusão

Podemos supor que estes ordenamentos selecionam, para o ocidente, a ordem social como atualmente a vivemos e, menos, conhecemos. Este processo de seleção, operando sobre pulsões, sobre movimentos e ideais, acabou sendo ressimbolizado e usado na teorização psicanalítica. A ideia de que devemos abandonar os mitos, como desejou Platão e como tentamos fazê-lo nestes milênios, levou-nos a esquecer muito do conhecimento contido em sistemas simbólicos primitivos, que chamamos de religiões ou mitos, o qual precisa ser capturado pelo modo de pensamento que chamamos ciência, como tem sido repetido por inúmeros autores. O conhecimento religioso desenha com clareza a alma humana e sobrepõe-se aos sistemas teóricos que dão conta do humano. São formas diversas de ver um mesmo objeto que inicia se complexificando progressivamente da religião, ideologia, arte, filosofia, ciência. Do mesmo modo como os esquemas sensório-motores se complexificam até o cálculo diferencial, a emoção pura presente no objeto da religião tem seu enfoque complexificado até o que hoje chamamos psicanálise (ciência).

## Referências

AQUINO, Tomás de. **Sobre o ensino. Os sete pecados capitais**. Tradução de Luiz Jean Lauand. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAUAND, J. S. **Tomás de Aquino e os pecados capitais**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.